

CARLOS QUIROGA: SOBRE CRIAÇÃO LITERÁRIA

Para este número da REEL convidamos o escritor galego Carlos Quiroga para expor uma auto-poética. Demos-lhe algumas questões vagas (1. sua criação como projeto consciente (de poema, de livro ou de obra como um todo) ou produto intuitivo ou circunstancial; 2. sua relação com a recepção, e 3. seu fazer poético (método, tendências formais, temática, fontes etc.), para que ele mapeasse, com seu tino de viandante, seu trabalho publicado nacional e internacionalmente. Pedimos-lhe também uma seleção pessoal de sua poesia, de modo que os leitores tivessem uma idéia preliminar de seus versos.

Quiroga é professor na Universidade de Santiago de Compostela. Fundou e dirigiu a Revista Galega de Criação *O mono da tinta*, entre outras, e até 2008, a revista *Agália*. Publicou *G.O.N.G.* (1999), *Periferias* (1999, prêmio Carvalho Calero de narrativa, publicada no Brasil em 2006), *A espera crepuscular* (2002), *Il Castello nello Stagno di Antela* (peça teatral em italiano e galego, 2004), *O regresso a arder* (2005), *Venezianas* (2007), *Inxalá* (2006, prêmio Carvalho Calero de narrativa, publicada em Portugal em 2008).

1. Em geral, meu processo criativo vai do quente para o frio, e creio que poderia resumilo em 4 fases: intuição, execução, repouso, revisão. A regra é partir do intuitivo, fase primitiva, aplicando depois o trabalho racional, fase normalmente demorada, podendo ocupar minutos, semanas ou anos. A seguir, com o repouso ainda se esfria mais o, digamos, “produto criado”, fase que, ainda sendo dependente de fatores externos – como possibilidades de recepção ou hipóteses de edição –, também é importante e deveria aplicá-la todo o mundo com maior frequência (e teríamos menor poluição literária). Finalmente, a revisão retoma o texto ou o livro ou a foto, como se já fosse de outra pessoa – o que nem sempre é possível –, e afina o resultado final.

Mas tudo isto é só um esquema – a que seu convite me obriga – em que tratei de encaixar minha consciência do processo em geral. O certo é que a regra se altera muitas vezes. A intuição pode ser fundamental durante o trabalho, e costuma sê-lo também na revisão. Mas o ponto de partida até pode vir de algo feito para outro fim, aulas, um trabalho de aluno, uma tese para julgar etc., daí também pode partir um projeto consciente derivado, e sobre ele operar a intuição que o transforma. Também pode haver repouso mesmo antes do cansaço, quer dizer, antes do trabalho, repouso entre a intuição – quando a cabeça fica ruminando algo – e a execução. E também pode não haver repouso nenhum depois da execução. Enfim, até pode ser tudo repouso, e a criação nunca sair da hipótese. Pode haver casos de todo o tipo, pode até haver um trabalho mental primitivo que toma forma, com a aparição circunstancial de textos e poemas planejados e pensados, imaginados até visualmente na cabeça, quase dotados nela – previamente à escrita – inclusive dos recursos lingüísticos que irão usar. Mas estes casos são escassos, e menos no processo particular de criação narrativa longa. Podem ser efetivos para um poema, para uma estrutura de livro, capítulo, página, mas é menos possível um jacto prolongado completamente acabado *a priori* na criação narrativa longa. Pelo menos comigo.

Portanto, e para sintetizar, a criação que pratico é guiada pela intuição e polida com a razão. Mas nem sempre...

2. Esta parte [referente à recepção] é a mais difícil de explicar. Pelo menos em poucas palavras e para uma pessoa fora de contexto – que deve ser o caso. Não só, sendo galego dentro da Espanha, escrevo na minha língua, que é minoritária aqui, mas escrevo ainda questionando literalmente o código oficial estabelecido para o galego, por considerá-lo um suicídio cultural, e defendo a aproximação ao português. Esta postura cria uma primeira barreira com a recepção no meio nativo, onde opera uma censura mais ou menos explícita por esta questão, transformando-me num estrangeiro na minha terra. Onde por outra parte não estou interessado em ser publicado em espanhol. Quando sou publicado no Brasil ou em Portugal, no galego original retocado, continuo a ser, naturalmente, também estrangeiro. Portanto a minha relação com a recepção é muito particular neste nível primário, sem dar-me muita margem a considerar os outros níveis, os da opinião crítica ou dos leitores – digamos leitoras, pois sempre é mulher quem lê mais e melhor, como já defendi...

Talvez o texto que vou colocar a seguir esclareça alguma coisa, tanto deste último assunto como do fazer poético ou criativo que se pede na terceira questão. É um texto breve, escrito para uma feira do livro na que acabo de estar convidado recentemente.

Necessária negação da autotelia artística

De ter nascido noutra parte ou noutra circunstância, seguramente eu seria escritor, artista, e misturaria artes que passariam necessariamente pela escrita. Algo parecido ao que tenho tentado até agora. Mas seria fiel a alguns princípios que a época que me calhou para escrever não me permite seguir de todo. Seria mais autotélico da escrita, colocaria na arte um fim em si mesmo, negar-me-ia seguramente a estar nesta feira, porque o sucesso comercial é um inimigo a combater, o risco de se ser devorado pelo mesmo é sério. Seria partidário de uma limitação voluntária da produção, cuja raridade deve caminhar a par de elevados padrões de qualidade. Seguiria o exemplo paradigmático de Rimbaud, pois, como ele, cumpre decidir voluntariamente escrever menos ou mesmo deixar de escrever.

Mas isso noutra parte ou noutra circunstância. Há algum tempo que aceitei que os reintegracionistas – os que na Galiza defendemos uma ortografia lusógrafa para o galego – temos de ocupar territórios e abrir horizontes, que há uma responsabilidade histórica no reintegracionismo, que algum sucesso comercial é imprescindível para prová-lo, que no meu caso até tenho de assumir um papel próximo ao do homônimo chileno, esse Quiroga que vende milhares de livros de auto-ajuda: dar-me e dar com a escrita a auto-ajuda necessária para mostrar outros horizontes. Estes livros [apresentavam-se dois em edição portuguesa, *Venezianas* e *Inxalá*] mostram outros horizontes, para além da sua qualidade literária. E vou ousar ainda aludir a esta.

Afirma Walter Benjamin que a tendência política correcta de uma obra implica sua qualidade literária, porque engloba a sua tendência literária. Estou descansado. Esteja descansado quem compre algum dos meus livros. Alguma imortalidade está garantida para eles. Hoje estamos aqui poucas pessoas (realmente bem mais das que imaginei, pois muitas já conheciam estes livros), estamos algumas pessoas à volta deles, digo, mas a sua qualidade literária (porque seguem a única tendência política correcta que é

possível na Galiza) vai convocar muitas mais amanhã. Podem estar seguros. Será quando nem eu nem os presentes estejamos vivos, portanto pertence a um futuro que pouco nos toca e nada significa. Mas dá uma conformação grata ao estarmos aqui, e quero transmitir pelo menos essa sensação de que “vale a pena”. A tendência política correcta de uma obra implica a sua qualidade literária, porque engloba a sua tendência literária: não cabe mais correcta tendência política que o reintegracionismo na Galiza em literatura e arte.

Por outro lado, ser escritor do século XXI, se há um manifesto desacordo entre a sociedade e a actividade literária, outorga um estatuto de escritor ainda mais maldito. É um bocado o meu caso, e é um problema, mas também uma sorte, uma distinção. A maldição, para além do tema da ortografia espanhola que os reintegracionistas e o galeguismo maioritário em geral repugna para o galego, também é o resultado de uma voluntária auto-exclusão de um tipo de sociedade de cuja lógica de funcionamento muitos nos recusaríamos participar. Nos recusaríamos. Nos recusaríamos mais do que nos recusamos, procurando a margem de autonomia suficiente para a expressão da individualidade no domínio da estética, e para a recusa da sua absorção pelas massas alienadas e alienantes. Nos recusaríamos..., mas não nos recusamos completamente, porque não podemos.

O reintegracionismo dá essa distinção, mas para servi-lo bem deve-se abdicar algo dela. Devo abdicar também da distinção. Abdicar algo. Porque eu não me posso permitir tanto requinte e distinção na Galiza e nas minhas circunstâncias. Por isso estou hoje nesta feira. Padeço uma situação problemática similar à que padecia o artista do século XIX, num ambiente marcadamente decadentista, em que estava impossibilitado de concretizar objectivos sociais alcançados por meios literários. Situação problemática. Impossibilitado também eu. Uma polarização neste sentido causa a ineficácia social da prática artística, que resulta num afastamento definitivo dos produtos literários relativamente ao mundo exterior. Importa isso...? Resulta na inocuidade do seu papel como agentes de transformação social e cultural. É grave isso...? Não a tudo. Não importa muito, não é grave tudo isso, e eu deixaria de escrever agora mesmo e faria como o protagonista de *Inxalá* seguindo os passos de Rimbaud, mas como reintegracionista cabe-me certa responsabilidade nesse sentido.

Eis o equilíbrio difícil em que se colocam os meus livros.
Também estes, que me afirmam aceitadamente estrangeiro
por serem editados na periferia de mim.

3. Não tenho rotinas duras, não tenho disciplinas firmes. Habitualmente, e até –de certo ponto de vista – infelizmente... Explico os dois advérbios em *–mente* (sem mentir), e a explicação dará resposta.

Habitualmente, sou daqueles que recolhe, que anota em cadernos com canetas a mão. Às vezes com algum pudor em situações e lugares imprevisíveis; outras vezes, as mais, lendo um livro, vendo tv, no recolhimento absoluto de situações mais propícias – como as que proporciona o fim do dia e mais aconchegantemente a noite. Mas não todos os dias nem em todas as situações de leitura, nem tomo notas sistemáticas nem sou nisso obsessivo. E também não se trata exatamente de escrever diário.

Tenho dois cadernos para anotações, um pequeno de algibeira que anda comigo e outro maior que quase sempre fica em casa. Mas nem sempre levo caderno algum. Nem todos os dias anoto. Nem todas as semanas. Ainda que também posso anotar mentalmente. Por exemplo, já me tem acontecido ir correr ao monte e achar a palavra-chave que andava procurando, achar a solução a um título, achar a estrutura que necessitava. Por exemplo, já me tem acontecido no meio da noite, quando não apetece levantar-se da cama ou acender a luz – se um está acompanhado pode ser pior –, vir à cabeça aquilo que faltava. Suponho que a todo o mundo lhe acontece. No carro a guiar, no supermercado a comprar. A intuição da solução procurada, para um texto ou para outra tarefa qualquer que não tenha a ver com a arte.

Suponho que haverá quem tome nota ou quem confie na memória. Eu sou destes para os últimos casos, e ela costuma ser fraca nessas situações. Mas sempre se recorda e reaproveita o que houver para aproveitar. Porque a gente de caneta sob a almofada corre sérios riscos de estragar lençóis – e de estragar hipotéticas companhias. Porque esta fase romântica, quente, intuitiva, importante para a arte ou para as tarefas da vida em geral – a gente toma notas para ir às compras, a gente leva agenda de deveres, a gente toda também é assim –, esta fase não daria resultados em termos de criação se não existissem

as outras de que falei no primeiro item. Quer dizer, pelo menos a do trabalho, algo mais duro ou demorado, mas nunca necessariamente mais duro ou demorado.

Nesta segunda fase ou de trabalho emprego o computador (escrevo em singular mas tenho vários, ainda que só 2 em activo – e sempre Mac). No computador guardo o material organizado por pastas, como deve fazer todo o mundo – e procuro ser organizado neste assunto. A pasta de “Escrita” é apenas uma de entre outras 30 – neste portátil em que agora escrevo –, dentro da geral que chamo “Caverna”. Está ao lado doutras para fotos, músicas, faculdade... Dentro de “Escrita” há ainda outras pastas por gêneros, por suportes, por fases de acabamento etc. Um total de 52 itens nessa pasta e neste computador. E dentro de cada uma delas pode haver outras tantas (alguma delas por sua vez com mais dentro – guardo muito, e tenho já certa idade). No computador de mesa que tenho em casa a coisa é mais densa.

Enfim, que no computador o trabalho vai sendo mais consciente e planejado, e aquelas anotações remotas dos cadernos podem ser reclamadas nalgum momento, mas é já sem elas que a intuição mas muito especialmente a razão se deleitam ou padecem na tarefa.

Falta agora explicar o segundo advérbio, o ‘infelizmente’ inicial referido a seguir rotinas: algo negativo para algum ponto de vista. Explico: Posso chegar a ser muito obsessivo em certas situações de criação, andar a toda hora com um texto na cabeça, tirando a toda hora palavras, sugestões, para aquela frase, para aquele poema, capítulo, que estou fazendo, que estou revisando, e tudo vir cair naquela necessidade obsessiva em que ando. Mas sou incapaz de aplicar ao trabalho de criação um horário de funcionário da escrita, que no caso concreto da narrativa seguramente acabaria beneficiando os projetos. Eis o ‘infelizmente’ aquele. Confesso que noutra tempo me tenho sentido carente de certa disciplina, de certa dedicação sistemática, em projetos precisamente de criação narrativa. E via isso como negativo. Hoje não. Hoje em realidade creio que se deveria escrever menos, ou pelo menos publicar menos, e acho um horror trabalhar na criação com horário de operariado. Era o que tentava explicar no texto sobre a “AUTOTÉLIA”. Portanto hoje escrevo nada compulsivamente, e procuro distanciar os projetos, e que eles sejam diferentes. O que não obsta para que de vez em quando ainda fique noites inteiras sem dormir.

Voltando ao fazer poético, as outras partes da questão (as que se referem a tendências formais, temática, fontes), creio que gosto de mergulhar em diferentes águas e realizar a poesia e a escrita possível que corresponda a minhas obsessões. Nas formas, a imagem, fotográfica e em movimento, assim como o som, a música, interessaram-me cedo para integrar em projetos genericamente literários. Até cheguei a fazer alguns vídeos – que os amigos chamam de curtas e eu chamo de práticas artísticas plurais. A saturação audiovisual dos últimos anos, especialmente com o advento da era digital, transformou o uso em abuso, um mundo altamente contaminado de imagem e ruído, e retraíram-me algo quanto ao emprego dessas possibilidades. Também é possível que o rápido evoluir destes suportes, que reclama acompanhamento continuado para um bom domínio técnico, acabassem por aborrecer-me.

Portanto quanto a formas – agora só verbais –, confesso fascínio pelas experiências de linguagem realizadas por alguns poetas, mas o certo é que não os imitei de forma propositada, realizando mais bem experiências estruturais amplas (creio que sempre evitei as pirotecnias verbais, o risco exagerado no “como”, mais interessado no “quê”). Refiro-me a ousadias como escrever uma trilogia com um fio romanesco entre duas vozes, entre dois autores que pretendem escrever um livro, e ir integrando um livro de poesia que pode ser esse mesmo, e mais um livro de fotos. Uma mistura de gêneros, como um filme em papel. Enfim, só vendo e lendo.

Quanto às minhas obsessões no “quê”, referem-se talvez à minha língua, a minha identidade, a minha pátria, à viagem, à própria escrita, à paixão, Lisboa numa época, Brasil inteiro noutra (que ainda dura) etc.

Para além dos instrumentos habituais de trabalho que toda a gente usa (dicionários, gramáticas, livros de estimacão, algo de internet nos últimos tempos), estão as fontes inconscientes e as fontes conscientes. No lado inconsciente devem esconder-se todas as obras e autores da cultura em espanhol que a minha educação escolar e a minha carreira de filologia hispânica me deixou. Cervantes, Lope, Gôngora, Quevedo, Lorca, até a canção do pirata de Espronceda que havia que aprender de cor já na escola. Depois, na universidade, a descoberta dos poetas americanos, Octavio Paz etc, e de Cortazar, Rulfo, Borges, e tantos outros na prosa. Quando me formei em filologia galego-portuguesa começou o lado ainda mais consciente e perdurável, a vertente da lusofonia.

Primeiro Portugal. A produção em galego é mais limitada, mas não deixaram de impressionar-me Rosalia, Curros, Pondal, especialmente Cunqueiro, Blanco Amor etc. Enumero sem pensar muito para reduzir, pois a lista podia ser dilatadíssima em especial ao chegar ao lado português, mas também corro o risco de deixar fora fontes imprescindíveis nas que bebi largamente...

A Fernando Pessoa dediquei minha tese de doutoramento, fato seguramente conhecido por algum crítico que se tem empenhado em achar dele influências contínuas em todos os meus textos. Talvez, mas raramente a crítica se ocupa de mim, e se ocupa lendo. Recordo como essa mesma influência fora indicada a respeito de um poema cuja fonte muito literal (forma, imagens) seguia um clássico dinamarquês que agora não lembro. Pois. Tenho frequentado ocasionalmente autores e obras exóticas em apropriações ou adaptações que cria claras – recordo agora as canções “Língua” e “Haiti” de Caetano. E nem sempre se tem dado por isso, ainda que não havia que dar por nada, os textos estão aí e quem queira lê e quem queira até opina (com fundamento ou sem ele, já se verá).

Neste grupo, Baudelaire é outro autor que no seu tempo me fascinou. Na escola secundária ganhei num concurso literário “As Flores do mal” em edição francesa e espanhola, precisamente com um poema que seguia a estrutura de outro poema francês que tinha visto num suplemento de jornal, creio que era de Raimon Quenau ou algo assim. E já que estamos com estrangeiros de língua, as paisagens de Cesare Pavese me serviram nalgum momento. E as de Cavafis. E os mundos lúgubres dos russos. E o incomparável Kafka...

Enfim, estou-me liando, voltemos ao rego. A literatura de Portugal é talvez minha fonte maior, não por imitá-la mas por conformar a camada literária mais grossa em que mergulho, académica e criativamente. Da mais antiga, para além do património comum das cantigas galego-portuguesas medievais, está na prosa Mendes Pinto, ou o próprio Fernão Lopes, por não falar das numerosas e maravilhosas crónicas de viagem, de que me tenho servido tanto no *Periferias* como em textos de *A espera Crepuscular* e *O Regresso a Arder*. E sem dúvida Camões – ficando de fora gente tão aproveitável como António Ferreira etc.

Bocage, o esquecido polígrafo Francisco Manuel de Melo... E salto já a Cesário Verde, a Pessanha, algum Antero, Eça, Raul Brandão. O portentoso século XX dos Pessoa, Almada, Sá-Carneiro... A lista dos autores portugueses das últimas décadas que me interessam é enorme, e deles algo se me terá colado à roupa. Alguns já morreram, como Vergílio Ferreira, os surrealistas, Mário Cesariny, tantos nomes. Outros ainda estão vivos, como o Herberto Helder.

No presente, o número de publicações é tão disparatadamente grande que conta muito a empatia e até amizade com alguns autores que vou encontrando, para ler as suas obras antes do que outras. Por isso, e já que estou quase isolado no campo sem margem para manobras de procura mental e física, vou quase com os amigos que melhor recordo. Em Portugal o Possidónio Cachapa, José Luís Peixoto, Manuel Jorge Marmelo, Rui Zink, Mário de Carvalho, Ana Luísa Amaral, Maria Teresa Horta, Gonçalo M. Tavares, Fernando Venâncio, Lucas-Pires, Lídia Jorge, Francisco José Viegas, José Carlos de Vasconcelos, Clara Pinto Correia, Rosário Pedreira, Valter Hugo Mãe, Onésimo Teotónio Almeida – que está nos Estados Unidos, açoriano, que escreve um prosa salutar e imprescindível para manter o humor e a inteligência acordados... Também Saramago, claro, mas devemos mudar já de geografia. No Timor conheço e acompanho o Luís Cardoso. No Cabo Verde Germano Almeida. Em Moçambique o Mia Couto, e o Patraquim – mais na distância a Paulina Chiziane. De Angola o grande Pepetela, o jovem Ondjaki, e até o Manuel Rui. Já do Brasil, acompanho muito do que se passa pelo *Rascunho*, onde já colaborei, mas devo citar primeiro autores que li mais, ou de que também sou amigo, como o Luiz Ruffato, a Adriana Lisboa, Ferreira Gullar, Tabajara Ruas, José Miguel Wisnik, Lúcia Bettencourt, inclusive autores que estão nascendo – como o Otto Leopoldo Winck ou Francisco Rogido, que também está em USA. Também conheci Bernardo Carvalho, Rubém Fonseca, Bernardo Ajzenberg, Cristóvão Tezza, André Sant’Anna. Li o Flávio Carneiro, e, enfim, será melhor parar... Fico sem render honras a Paul Celan, Lezama Lima, Haroldo de Campos...

Não posso dizer que todos estes nomes sejam fontes (é mais bem homenagem às pessoas), mas lendo as suas obras elas se transformam em matéria nutritiva que alimentam – no presente ou no futuro – também a minha criação. Ela se nutre ainda em revistas (é em revistas onde se ensaia o mais novo e mais arriscado), e se pode ainda

nutrir em livros maus (é neles onde se acha muitas vezes a matéria prima que não está nos bons).

ANEXO com alguns poemas¹

oraçom

E depois pensar em ti
perder-me devagar no meio de um jardim botânico
sem ter calculado

¹ Meu primeiro livro está disponível na íntegra aqui: http://agal-gz.org/blogues/index.php/artabria/2007/12/26/dez_anos_depois_publicamos_primeira_edic_1

sem prévia busca de tempo ou rota no plano
como um náufrago no oceano de luz da manhã
pensando como seria bom perdermo-nos a dous

E antes a Travessa-do-Fala-Só
como um sorriso calmo subindo para o Bairro Alto
subindo a vista sobre o mar
o mar entrando grande no Tejo em que se confunde
do modo como eu gostaria de confundir-me em ti

E agora a estonteante febre
da beleza das plantas e dos teus olhos ausentes
no trânsito do cérebro para o coração
e como te rogo sem te ter tido
nestas palavras que te rezam

(de *G.O.N.G.*, 1999)

toldos azuis e motos

Despojei-me do pesado abrigo, mas foi um gesto. Às costas continuava a pesar o dia de rotina e tédio. Nom busquei um bar, um lar, porque ninguém caberia no beco que comigo levo. Comim nada, nom bebim o veneno televisivo, deitei-me nu acaso porque queria sonhar contigo. E sonho.

Sonho acordado com toldos azuis e motos. Tudo bem diferente do que esperava. Qualquer forma de fugida para um tatame japonês pisado por uns pés em brasa. Mas nom precisamente por eles, os teus pés, mas quaisquer pés leves. Longínquos. Nom precisamente por ti com nome, mas por ti ignota ideal distante.

Apenas pola viagem estrelada de sedes em direcção a eles, a ti nom importa quem, ao que está mais acima deles. Apenas polo relâmpago bifurcado correndo um instante por teus olhos. Qualquer que seja a cor. Qualquer que seja a luz. Apenas pela imaginação desse lampejo que estou imaginando. Enquanto demoro numa cerveja à beira da estrada. Adiando.

(de *A Espera Crepuscular*, 2002)

farejando o vento

Nas cidades um cheiro a cadáver às vezes oxida o ar
como o sussurro das mil aldeias que este país queria.
Aninha nos interstícios dos prédios e nos meandros
do trânsito, nas ossadas dos bichos de que os pássaros
dificilmente se alimentam. A sua semente na atmosfera
das garagens negras respira abafada, esconde-se subtil
nos estacionamento poluídos de grandes supermercados
onde em carrinhos emprestados corre urgente o hábito,
daquela agitação de feira e caos, do vigor do gesto, fala.
Mulheres jovens à primeira hora no abrir lojas batem

a sua volúpia de gel contra os cristais com os dorsos
de serpentes eléctricas que arqueiam deltas de rios
aos pórticos das pontes principais, e dispersam, abatem
qualquer protuberância evidente de destroço, os limos,
branqueiam de nudez e beberagem balsâmica as volutas
dos novos templos redobrados no imparável comércio.
A ferrugem na fala corrompe o fulgor dos dentes de ouro
e na embriaguez do brilho pressentem-se resinas antigas
da voz sedimentando petrificadas. Um olvido a anunciar
umha espuma nova que paira nas nuvens, e nos desconhece.

(de *O Regresso a Arder*, 2005)

mmm

Oxalá pudesse ser sempre olímpico. E ter segredos do tamanho de um planeta como agora sinto. Oxalá fosse capaz de tomar as armas como só é possível no terceiro mundo. Matar por comida, bebida, matar por amor.

Oxalá nom fosse tam carente neste embrulho de supercivilizado que visto. Amansando os instintos. Acatando estratégias. Tolerando os direitos dos outros. Tanta democracia. Tanta tristeza.

Oxalá o sexo fosse o pam e o riso a moeda. Oxalá o sol brilhasse sempre como brilha nos desertos. E me queimasse a pele e me bronzeasse os sentidos. Oxalá fosse um animal. Magnífico ou nom. Oxalá pudesse ser sempre olímpico.

(inérito)

VULCANISMO

existe um sistema sísmico
no meu país passando permanentemente
umha rede rígida que insiste
em derrubar no ar os sonhos
porque anda aqui liberdade...
e estão mil praias no meu país...
e temos esses centenários bosques...
e está esta língua molhada...
maculado país paraíso
um sistema sísmico que existe
permanentemente passando
e que permanentemente censura
e que permanentemente incendeia
e que permanentemente resseca bocas
e que permanentemente arrasa as almas
mas de tanto que existe e insiste
vamos aprendendo a arte vulcânica
de sermos seres que camuflamos
focos magmáticos no interior
dos peitos, estes peitos, os peitos
que escondem caldeiras
e havemos de caminhar atados
e havemos de caminhar manchados
e havemos de caminhar queimados
e havemos de caminhar silenciados
e havemos de escupir dos infernos
toda a cinza escórias lava
tanto ferro magnésio gases
para explodir outra vez os sonhos

(de *O Regresso a Arder*, 2005)

illuminazione stradale

O carro corre vermelho e velho alemám
guiado por um teutom de alma latina.
Corre e fermenta os nossos gestos turvos fátuos banais,
quatro humanos mergulhados na primeira ignorância mútua
do torpor da manhã que abre na membrana do horizonte
pespontos de luz à paisagem que lemos,

as colinas,

Le colline insensibili che riempiono il cielo
que sono vive nell'alba, poi restano immobili
como fossero secoli, e il sole le guarda

O carro corre mas range como parado apenas
na fita robusta que pateiam os seus cavalos, e guia-nos
por dentro dos dedos de Alfred que guia
em regresso agora ao esforço esmeraldado em «is»
e cantamos todos a língua alheia que nos abisma a boca
nas furnas das salibas sonoras,

lisas de novo irradiadas

às distantes colinas que expiram devastadas
na galeria dos oito olhos ainda cegos, as colinas,
elas, Ricoprirle di verde sarebbe una gioia

Já o fulgor do dia acabou por instalar-se
fumegando à volta do carro claramente vermelho que arde.
Rutila solve devora em festim a distância
crepitando como um lento veneno irrefreável entre as colinas.
A mancha vermelha progride polas veias negras do mapa e vai
ferver umha hora de agitaçom e êxtase,

e nós

balbuciamos um deleite de sorrisos calados, e falamos,
Non ci manca che un mare a risplendere forte
e inondare la spiaggia in un ritmo monotono

Mas a hora passa e a paisagem que passa
nom acaba de acabar em vendaval fluente e vária.
Oscila e vaza em espuma nos quatro crânios, e sentimos
nalgum momento que falamos nada extraordinário
e é como chover sobre o mar, e dizemos
conscientes da oca radiaçom cansada

da voz,

cada frase umha gota árida sem as colinas, e
si disegnano in terra le sagome nere
e le chiazze vermiglie. Poi torna il silenzio

Paramos e mijamos e comemos e voltamos
correr de novo fermentados, turvos fátuos banais
no carro vermelho e velho alemám, guiado
ora por um teutom de alma latina ora
por um relance de distorcido americano armado
no idêntico torpor de luzes

(bisogna affondare
dentro il buio radici ben nere) em todos. E é entom
que a cidade finalmente cai vai caindo na tarde que entra
como um cadáver de insecto contra o vidro

E entramos nas colinas, estacionamos no lugar proibido,
desavisados em costume e cores, encontramos
esse polícia que sabe mas nada esclarece, voltamos
para o carro vermelho adormecido, andamos entre colinas
perdidos na própria rua procurada, parecemos
acesas tochas nos cornos altos

de um touro,
e temos cegamente sentido, E i villani che passano
avrebbero un senso, também: talvez quiséssemos só chegar
e aqui estamos oito olhos no vazio das colinas

O percurso furioso da dura viagem talvez
é o mais fragrante e fácil o menos estéril
da fugacidade dos sonhos, os sonhos.
A estrada correndo pode estar mais parada
do que estava aquela primeira hora desolada do dia
mas alcançar o lugar que sonhamos,

colinas,
talvez faça da paisagem da estrada e das colinas
umha chuva de plantas umha floresta
sobre a água dos sonhos, os sonhos

Adormecem e aguardam e pairam
os sonhos com sono, no ar.
Mas ao prazer da chegada, aí,
nunca acordes o sonho, esse sonho,
porque já o antigo pode ser outro sonho
e é melhor a alegria fácil

de olhar
e seguir sonhando, outro sonho.
E i villani che passano avrebbero un senso.
E as colinas, essas colinas, todas as colinas

[Refs.: Cesare Pavese, «Paesaggio V», *Lavorare stanca*. Peter Høeg, «Retrato de Umha Vanguarda», in *Night Stories*.]

(inédito, para integrar no volume pendente de *Viagem ao Cabo Nom, 2*, que leva por título concreto *O Festim da Distância*)

A seguir, uma série também inédita que deve formar parte também desse livro inédito que acabo de referir – a estrutura final, se chega a haver livro, pode variar nele... (o livro tem 4 viagens, nos 4 sentidos Norte-Sul-Leste-Oeste, mais uma “aérea” ou “celeste” – precisamente ao Brasil–, e estes textos devem ser integrados na viagem ao Oeste, evidentemente)

a Oeste o fulgor

convite

Vem ver comigo o mar onde o sol se enterra,
essa extensão aparentemente sem limites,
magma da germinação do ovo, lótus, cana.
Para ele correm sem o encher todas as águas,
todas as águas saem dele sem o esvaziarem.
Vamos juntar o orvalho lunar que ali desliza
com o pó de jade nas nossas mãos em concha,
vamos apanhar saliva dos astros, suor do céu,
vamos fundar o corpo, ilha de nós, simulacro
da vida divina dos imortais, emergir despojados.

fosforescência

No despojamento a Ocidente o Atlântico. Matéria
reverberando lisa por centenas de quilómetros.
Os bancos de plâncton que em fosforescência
amotinam animais protozoários espelhantes
da madeira do barco que range parada, a mecha
do cordame incendia de queda solar as velas.
E em nós agulhas magnéticas girando loucas
entra o tudo do mundo no tudo que somos
fundidos plasma, irradiamos universo, somos
como um caldo primitivo de que tudo nasce.

limite

Toda a polinização anda subtil aqui
por baixo dos pés, tudo ferve radiante
nos labirintos húmidos de um mergulho.
Sardinhas. O atum. Milhares de nomes lisos
para quem o mundo corre protuberante
acima da cintura do planeta, atmosfera
em que se agitam flamejantes as vozes.
Na água a desmesura. Vestígio apenas.
A ramagem do silêncio sob a cintura.
A vida a cores. E a morte. Regresso.

banimento

Também a carnificina e o odor a podre
forma parte do insaciável esplendor aquoso.
Do Oceano ignoto em rotas e cheio de enigmas
que os corsários depredadores infestavam
sem poupar violências e medo nas cidades
do litoral, que ao largo os avistavam. Tremiam.
Quantos dos pessanhos ossos, conchas, pedrinhas
no fundo abissal das esquadras destroçadas,
quanta cabeça de comandantes nas profundezas.
E dos escravos negros caminho da América,

por tanta Inglaterra pertinaz, tanta França
implacável a lançar ultimatos a Portugal,
mais graves do que depois viria: aquele
navio negreiro Charles et Georges portava
africanos por própria vontade amarrados
—defendia o cínico capitão Rouxel! Soltem
ou o almirante Lavaud que temos no Tejo
resolve. E os portugueses baixam cabeça.
Pagou o duque de Loulé. Sá da Bandeira,
teimoso abolicionista, ruma também.

partida

Marcamos um nove do nove de noventa e nove
para ter o mar rompendo no escuro e no escuro
abraçar mar. Redes húmidas feitas de lábios
lançando-se contra os rochedos. Petrificar-nos.

Antes no primeiro café de olhos em desamparo
nervoso naquele infame bar, depois a tarde
esvaziamento de rastros, errância. E a voz,
já agora tão diversa da tempestade alucinada.
Fora quando a cidade acendia sedes, e apenas
acordava a noite em espuma nos pescoços.

navegação

Foi isso apenas. Voragem retida. Ânfora
de torrentes, mas quanta liquidez agora
que a superfície glauca aos dois ampara
e nos gritos das gaivotas gritam as donzelas
que estalam raudal de água nas nossas bocas
cada vez que em frémito nos beijamos.
Encantadora de cobras, o que sonhavas
era visgoso e elástico mas não tão grande,
o susto não era imaginar entrar-te na blusa.
Era o susto transbordarem outros abismos.

ignescente

A tua blusa de seda. Um alarde de ventos
mansos no convés alastra nela escaldada
por olhos deslumbrados, os meus olhos
em vislumbre desse vértice de agonias
que abrem dedos a arder sobre o corpo
amolecido depois da água. Duro e quente
como um rochedo vivo ao sol no fim do dia.
Esmalto as tábuas a um canto de ver-te
na imobilidade radiosa de ensonhar-te.
Adormeces os dedos. Ventos adormeces.

mapa

A tua nudez no altar do mar. Perfume do ar.
Volúpia constelada de flechas apontadas. Balas.
Eis-te agora assim abandonada sobre a toalha
azul que a morna brisa aquece, e adormeces
cartografia ginecomórfica, contorno em sal
de uma ilha cálida de esparsa vegetação
dourada. Algum Sebastian Münster desenhou
aí a topografia afortunada e rara, trespassada,
que se dá em prémio a navegantes deuses.

Roteiro de todos os meus lemes na tua toalha

abismo

Nuvem, vagas, vendaval. No perigo do naufrágio existe o prazer de estar no barco ferozmente batido pela tempestade quando se sabe estanco. Mas também a angústia incerta do afogamento. Pois barqueiros para a felicidade existem poucos. A barca de Caronte vai sempre para os infernos. Serpentes e demónios de longas facas deve haver a espreitar o acompanhamento do sol no Oceano, a barca solar vogando através dos mil perigos correndo para a morada definitiva seguindo a luz

e os defuntos que levamos as entranhas em urnas vamos velando cada um a sua do dragão em volta a redemoinhar as águas e tentar virar a madeira. Tememos de alma aterrada os espíritos malfeitores que pululam nos caminhos líquidos e subterrâneos em busca da força mágica. Se resistimos o assalto e evitamos os recifes abre-se a felicidade eterna e acabamos de nascer. A barca já não é caixão, a Morte não é a última barca porque a Morte foi o primeiro navegador. Ela é a verdadeira viagem.

fascínio

Se nasce na borda verde da montanha interior, espessura de arbustos e carvalhos vidrada de interstícios sussurrantes, bichos por trás das pedras e meandros de plantas que se dilatam e encolhem a cada estação, o primeiro que te surpreenda será o cheiro do mar. Embriaguez antes de vê-lo. Depois um espaço aberto de coqueiros ausentes. Falta de colinas e florestas feitas de nuvem. Enorme prado apenas com pregas de luz.

êxtase

Nasce a Oeste o fulgor da paixão no mar como nasce uma febre. Fascinam as furnas. Os nichos negros, o sal nos cabelos, dunas fumegantes de dorsos e ventos ondulantes.

Pescam-se peixes abissais nos mergulhos.
Expira-se Infunde-se Vibra-se Empalidece-se.
De repente a rota das aves engasta redes
e estilhaça-se verdes em lascas egípcias
de obsidiana à beira frágil de um deserto,
arde-se vulcanicamente. E desfalece-se.

devoração

Poalha desfalecendo sobre garrafas de gim
vazias. Vapor de água irrigando a deriva
como naquele Inverno os sedimentos verbais
nos canteiros áridos dos nossos dias tediosos.
Palavras com limos a ionizar a terra de lava
como um canto aos cantos, gotas furtivas.
Telefonavas seguido a deitar sementes mágicas
e plantas embriagantes de gavetas de espuma
cresciam-me invisíveis nas margens altas
de Compostela. Na distância devastadora

que vai da boca ao ouvido por um fio
enterrávamo-nos os dedos entre as vagas
cruzando confidências impossíveis, cegos,
chegamos a gemer lambendo aos gritos
sussurrados, que prazer sermos delicados
tantas vezes para descer da mão atropelados
à caverna do vulgar, intercambiar salivas.
Comer-te fóssil. Devorares-me sal. É isso
de que afinal sempre se trata, o teu controlo
do mistério agora toda mar no meio do mar.

furtivos

Como os amantes fugidos que aqui arribaram
na imperícia um dia de em êxtase morrer,
a trinta e dois graus de latitude norte e os
dezassete de longitude oeste, nós e a paixão.
Estontear-nos como eles nas flores, sedimentos
de nuvem em permanente degredo nas unhas
da terra abrupta em magma resseco acima
do mundo, estontear-nos como os ingleses
nesta calma de hotel febrilmente urdida,
aparar os loucos risos de água dos picos

que fabricam falésias e coloridas bananas,
beber até cair, o vinho afamado e a papaia

que o artesanato da montanha derrame.
Depois no líquido ruído leve das veias
da terra nutrindo o oceano imenso ouvir
a sede verde. E esconder-nos num barco.
Fugir da maldição industrial da luz
que apara esta mão vertical no Atlântico
em bordados contentores brancos, RAM,
da memória salgada de um continente.

rosa-dos-ventos

No teu corpo que as ondas suaviza, brisa.
Ser o vento que desliza nessa rosa. Gnômon
que projecte as sombras meridianas, traços
que os arcos todos da tua boca determinem
no horizonte de desejos que nos cerca. Rumos
a marcar as bissetrizes entre os teus dedos.
Carta náutica em que estás impressa, dita.
Ser a tinta dos graus que tu indicas. Navego
em volta apenas do teu porto circular.
Toda órbita nova que no mar nos chama

esconde segredos de fogo nas tuas pétalas.
Os ventos que agora deslizam nessa rosa
apontam todos de ti para o fulcro de nós.
A Ocidente o Oceano é apenas desculpa
para a declinação magnética da fogueira.
Ser nesta atmosfera o necessário oxigénio
para os ventos que em ti a vão acender.
Ser no teu corpo agora a sombra, a tinta,
e ser a brisa e as ondas que suavizas,
bissetriz dos dedos, rosa fulcro de nós.

